O Marquez de Pombal á luz da Philosophia

Angelina Vidal

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O Marquez de Pombal á luz da Philosophia

Angelina Vidal

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

O MARQUEZ DE POMBAL

Á LUZ DA PHILOSOPHIA

ANGELINA VIDAL

O MARQUEZ DE POMBAL

Á LUZ DA PHILOSOPHIA

LISBOA
IMPRENSA DA VIUVA SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 67
1882

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESCRIPTOR ILLUSTRE

Estamos em pleno jubileo.

Cada época traz o seu cunho caracteristico de exagero, e tristes dos

que se affoutam a soltar qualquer nota discordante no concerto da lisonja publica.

No meio d'este anemico paiz vibra ainda uma corda vocal, a ultima--é a maledicencia. Este facto pathologico é porém de modo tal inoffensivo, que minuciosamente estudada a sua etiologia, conclue-se que por unica therapeutica deve applicar-se-lhe o despreso.

Insultar é uma necessidade tão inherente ao organismo patrio, que se o indigena não houvera a quem fazel-o, insultar-se-hia a si mesmo.

Não se combatem principios; oppõem-se abusos a abusos; á communhão da Liberdade não se admittem cerebros livres; tem de annullar-se a consciencia, em honra do opportunismo.

Para ser-se _immortal_ pedem-se as credenciaes aos monarchas da opinião, e inscreve-se o pretendente nos clubs do elogio mutuo; não é economico, porque importa a dignidade dos candidatos; mas custa menos do que fazer-se eleger deputado de qualquer partido.

Eu porém affasto-me dos microscopicos fetiches, para venerar tão só os privilegiados do talento, e tenho bastante valor para arrostar com os desdens do enfatuamento ignaro. Democrata convicta, e evangelisadora do livre exame--em ethica, sciencia, e politica, manifesto amplamente as opiniões do meu espirito, com a altiva independencia de quem se habituou a superar os diques verminosos da sórdida mesquinhez.

Por isso estendo fraternamente a mão ao glorioso mestre da patria lingua, e saudando o fecundo engenho do athleta da litteratura portugueza, offereço-lhe despretenciosamente estes humildes versos.

Lisboa 30 de abril de 1882.

Angelina Vidal.

I

Um côro de ovações se eleva norte a sul;
No seio do paiz, palpita a festa ingente,
Mil eccos de alegria ondulam pelo azul,
E a vaga popular circula vivamente.

Que enorme vibração aos tristes galvanisa?
Que fado deslumbrante a Patria considera?
Una rasgo de valor que um mundo synthetisa?
Um estro que irradia a Gloria pela esphera?

Um Genio que assombrasse o coração do mundo?
Talvez Dante ou Camões, talvez um Diderot,
Ou Bacon, ou Voltaire o destructor profundo,
Feurbach ou Galileo, Danton, Goethe, Rousseau?

Oh não! A Patria canta o athleta da Realesa,
O Hercules pujante, o pulso sem rival
Que punha até por terra as leis da Naturesa,
Mas que tambem erguia a fama Nacional.

Thuribulisem pois o nome do gigante,
Incensem sem descanço o esteio da corôa,
O facho da instrucção, o genio penetrante,
Que de um montão de cinza ergueu nova Lisboa!

Cantae, Democracia; o espirito do bravo,
Que o nivel fez rolar por sobre a Sociedade,

Prostrando o jesuitismo, ou libertando o escravo,
Quebrando á inquisição as garras da maldade.

Lisonja, ergue a Pombal um hymno de louvores!
Realça o que é brilhante, esconde o que é medonho!
Cerrae a porta á Historia, ó novos pensadores!
O mal não existiu; é falsidade, é sonho!

II

Nove horas; a cidade acorda sob um ceu
De christalino azul, de transparente veu;
Movimenta-se a pouco a gente nas viellas,
Adornam-se com arte as donas e donzellas,
E os sinos vão chamando os fervidos catholicos
Aos festejos do templo, e aos canticos symbolicos.

Entoa o padre a missa, e os crentes, com respeito
Se curvam brandamente; habita em cada peito
A prece fervorosa, os orgãos gemem notas
Que fazem palpitar as candidas devotas.
Ha como que um sereno e doce mysticismo
Que leva os corações, em nuvens de idealismo,
Aos páramos do ignoto, aos vagos paradisicos,
Onde a crença cultiva os lirios metaphisicos.

Nas praças, os peões, laboram tristemente,
E n'uma gelosia um vulto sorridente
Espreita cuidadoso ao longo dos caminhos.
Passa ás vezes um nobre envolto em bons arminhos,

E alinham-se na rua, á porta dos conventos,
Os novos com preguiça, e os velhos sem proventos.

De repente porém, um intimo ruido
Se escuta assustador na entranha da cidade!
Depressa lhe succede horrivel alarido,
E um turbido baquear, em toda a extensidade.

Oscilla cada predio, e cahem pelo sólo
Desfeitos como em pó os rijos edificios;
E a misera Lisboa, afflicta, pólo a pólo
Vomita o seu terror, por igneos orificios.

Fogem as mães tremendo, os filhos junto ao seio, E correm a acolher-se aos templos do Senhor; Mas eis que ao grande affan do seu materno anceio Ahi se expõe um quadro escuro e aterrador.

Abobadas cahindo em cima dos altares,
E o padre surpreendido em meio dos cantares,
Sem voz, sem movimento, a par de uma madona
Que ha muito se ostentava em seu painel de lona.
Creanças a chorar, columnas em pedaços,
Soluços do estertor, e aqui e além uns braços
Sob as pedras surgindo e estrebuchando a custo!...

Nas ruas e jardins não é menor o susto.
Rodou rapidamente o nivel da desgraça!
Só resta enorme entulho onde era alegre praça,
E os tectos ao cahir nos crepitantes lumes,
Erguem linguas de fogo, em cálidos queixumes.

Estala o velho tronco ao cedro gigantesco,

E paira em tudo o horror mortifero e dantesco.
E para cumular o quadro de afflicções,
O Tejo, saccudindo os pardos turbilhões,
Devora febrilmente as ruinas rescaldantes,
E lambe o morto, e o vivo, em saltos delirantes,
E abrindo o coração, sedento de vingança,
Abysma o forte, o fraco, o velho, a mãe, a creança!

E como se o terror gerasse a crueldade,
Para opprobrio veraz da crúa humanidade,
No cahos tumulento anda essa immunda plebe
Que rouba, que assassina, e apenas se apercebe,
Sob as nuvens de fumo e pulsações do fogo.

E o rei e o seu ministro?
Accaso n'esse jogo
Da horrifica tormenta, o ceu de azul purissimo
Ousaria esquecer um rei que é _fidelissimo_?
Quem sabe se terão cahido do vaivem?

Salvou-o Jehovah--el-rei estava em Belem?
.....

Depressa chega ali a nova deploravel;
Aterra-se a nobresa; o facto lamentavel
Envolve em lucto e pranto innumeros varões.
Entreolham-se a tremer, e logo as orações
Se elevam para o ceu como espiraes de dôr.
El-rei branco de susto, os filhos com pavor
Percorrem os salões, idiotas e perplexos.

Mas fulgem n'um olhar uns vividos reflexos,
E um vulto erecto e firme encara D. José;
«Marquez, murmura el-rei, castigo de Deus é
«O horrivel cataclysmo! E agora, que afflicção!
«Que havemos de fazer em tal destruição?
«Arde toda a cidade, e estão vasios os portos»
--Salvemos quem viver, demos á terra os mortos.--
Responde friamente o imigo da utopia.

E longe de invocar a Deus ou a Maria,
Expede ordens de cunho e toma arduas medidas,
Alenta sem delonga as perigadas vidas,
Corta os braços á chamma, e tolhe o passo á fome;
Liberta o infeliz da angustia que o consome,
E ahi onde o devasso um roubo perpetrava,
Ahi a forca bruta á morte o condemnava.
.....
Annos depois surgia a nova capital
N'um throno que assentava em bases de christal.

III

Que borburinho é esse? O Porto anda revolto?
Que foi que se passou?
Como é que invade a praça o povo irado e solto,
Se tanto laborou
El-rei, por tel-o em bens e liberdade envolto?

Se ha tanto beneficio, exforços tão visiveis

Em prol da causa publica,
Como podem brotar reprovações sensiveis,
Como é que a ideia nublica
Não acha na Rasão um dique d'impossiveis?

«O povo é desgraçado,» affirma a humana Historia,
«Mataram-lhe o Direito,
«E forçara-n'o a seguir a negra sorte ingloria,
«Calado, contrafeito,
«Pagando sem gosar, tecendo a alheia gloria!»

Um dia, de repente, ergueu-se a reclamar;
A ignara populaça.
O monopolio rouba-a, era mister luctar!
E logo, a plebea raça
Reclama valorosa, em vez de supplicar.

Mas o ministro excelso havia já disposto
Das cousas do alto-Douro;
Vivesse embora a Patria em noute de desgosto.
Os cofres tinham ouro...
Que importa se a Rasão traz lagrimas no rosto?

Por isso se indignou o esteio da Realesa,
E os raios da vingança
Fabrica muito á pressa, e envia com prestesa
Á popular esp'rança
Fundada na intuição das leis da Naturesa.

E após, hórrido insulto á crença humanitaria!
Por um delicto falso

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com